

Etnomatemática mostrou-me o meu povo

Carlos Mucuta Santos

Dundo, Angola

cmucuta@usp.br

Doutorando em Educação

Universidade de São Paulo

Orcid: 0000-0002-2542-5334

No longínquo ano de 1958, um homem camaxileno de nome Jorge Mukuta Mitangui casou-se com uma mulher de nome Kamas' Jorgina Nanchingunun' da linhagem real Kasans' Kamayal'. Infelizmente, a alegria não durou muito, pois a sua esposa não pude engravidar-se durante 7 anos de convivência matrimonial, daí os maus-tratos da parte da família desta.

Nesta aflição, o senhor Mitangui terá percorrido vários caminhos de lutas para se livrar desta vergonha, até que, pela ajuda dos "Masantu", divindade chokwe de fertilidade feminina, a sua esposa concebeu e em janeiro de 1965 deu à luz um garoto, que Mitangui chamou por **Mukuta Santu**, como forma de replicar os "Mukuta", isto é, os maus-tratos com que era subjugado pela família da sua esposa; "Santu", reconhecimento ao deus de fertilidade que o tirou a vergonha dando a ele um filho.

Mas, no cartório de registro civil, o registrador português exigiu que acrescentasse no nome do garoto um nome português. Não tendo ideia do que pudesse fazer naquele momento, o registrador português (apontando dedo no senhor Mitangui) terá dito: você não trabalha com o senhor Carlos? Isto, porque ele trabalhava nos armazéns onde o seu chefe português chamava-se senhor Carlos Rayond, daí, o registrador português registrou o menino como Carlos Mucuta Santos, isto é, Carlos do senhor português e Santos no lugar de Santu que ele julgou inútil.

Tal violência sofrida por este pai não doeu no seu tempo, porque até foi tido como um privilégio ter um nome dado por um branco ao seu filho, mas, hoje, quando se pensa que, Mitangui, um colonizado, negro, nem direito tinha de escolher o nome do seu próprio filho, a dor é sem medida.

O garoto cresceu levando o nome dado pelo colonizador, formou-se e na sua graduação, desenvolveu uma TCC sobre o Sistema Internacional de Unidades (SI) e é o autor desta crônica, que desde já se permite continuar dialogar em primeira pessoa nas linhas a seguir.

Me formei como todas as pessoas em ambiente onde o currículo é baseado no eurocentrismo, daí a pesquisa sobre o Sistema de Medidas Internacional, e era minha intenção continuar com o mesmo tema no mestrado, mas, o Professor Doutor Roberto da Silva (Professor Livre-docente da USP), brasileiro, na sua qualidade de coordenador do mestrado analisando os projetos, antes de os submeter à comissão de avaliação, me fez um questionamento, que virá mudar toda a minha trajetória acadêmica científica. Eis a pergunta:

Mucuta, como empregas esforços para pesquisar sobre o Sistema Internacional de unidades, tema, já pesquisado por muitos pesquisadores e de altos níveis, enquanto o sistema de medidas de vocês não é conhecido, nem pelos vossos filhos? (Mucuta, Dissertação, 2020, p.99).

Esta pergunta perturbou a minha mente e naquela noite fiquei sem força, sem saber o que podia fazer, porque sem a aprovação do projeto, perderia a possibilidade de fazer o mestrado. Na manhã seguinte, quando voltava à sala onde estava o professor Roberto, lembrei-me de uma viagem, quando em fevereiro de 2016, aproveitando as férias escolares, fomos ao Camaxilo, nossa terra natal, visitar a velha Muahosa Lamba, nossa tia, irmã do meu pai, para quem levamos um rolo de tecido, entre outras coisas, que ao reparti-lo com as suas filhas Cristina Chibi e Adozinda Weka (minhas primas) disse: “Mukulwana amwehe **thando jiwana**, kanuke **thando jaadi**”, ou seja, à mais-velha entreguem 4 medidas e à menor deem 2 medidas. A unidade de medida, **thando**, que ela usou aqui, chamou-me atenção, pois haviam decorridos muitos anos que não ouvia tal expressão, e logo comecei a pensar no que estava a perder culturalmente.

Entrando logo na sala do Professor Roberto, partilhei com ele o pensamento, logo disse, isso aí, você pode pesquisar o sistema de medida de vocês. Disse mais, eu posso ajudar você, porque tenho aqui no programa duas filhas de Ubiratan (Cristiane Coppe de

Oliveira e Eliane Costa Santos) e uma delas pode orientar você. Aí, ele falou-me da etnomatemática e me apresentou algumas literaturas de Ubiratan D'Ambrosio e me pediu para escolher entre as duas professoras quem devia me orientar, e eu disse que não tinha escolha, porque não conhecia nenhuma delas, ele deu algumas risadas e disse: fica com Cristiane.

Com a professora Cristiane aprofundi sobre o programa etnomatemática e produzimos uma importante dissertação com o título: Nzongo – unidade de medidas do povo chokwe da comuna do Camaxilo: uso e compatibilidade com o Sistema Internacional de Unidades (primeira escrita na academia sobre o conhecimento matemático do povo chokwe, na altura, talvez, ainda hoje).

Confesso que, tendo nascido chokwe, vivendo no meio do meu povo, mas não conhecia o meu povo, como o conheço hoje, desde a pesquisa etnomatemática no mestrado. O povo chokwe tem uma cultura e conhecimentos incríveis e pelas dimensões da etnomatemáticas com ajuda e acompanhamento da professora Cristiane, que eu chamo minha mãe científica, já foram produzidos artigos, palestras, apresentações, livro etc. sobre a matemática e conhecimento chokwe, agora, conhecimentos quilombolas também.

Etnomatemática me fez conhecer verdadeiramente a riqueza cultural, epistemológica, social, artística e técnica do meu povo. Estou em crer que, se não enveredasse pelos caminhos da etnomatemática, claro que não chegaria ao entendimento que cheguei. Amo o meu povo. Falo do povo chokwe do Camaxilo. Amo a etnomatemática. Uchokwe uye kulutwe, ou seja, que a cultura chokwe vá para frente, que evolua sem empecilho.

Etnomatemática mostrou-me o meu povo

Ethnomathematics showed me my people

Las etnomatemáticas me mostraron a mi gente

Resumo

Nesta crônica Mucuta compartilha sua jornada pessoal e acadêmica, destacando a importância da etnomatemática na compreensão da cultura e dos conhecimentos do povo chokwe do Município do Camaxilo (Angola). Inspirado por uma viagem ao Camaxilo que lembra o uso das unidades do sistema de medidas chokwe, ele mostra como o pensamento etnomatemático através do professor Roberto Silva, mudou o seu pensamento acadêmico-científico, desde a produção da dissertação sobre o conhecimento chokwe até as pesquisas atuais sobre o povo Chokwe (Angola) e Quilombola (Brasil). A etnomatemática revelou a riqueza cultural, epistemológica, social, artística e técnica do povo chokwe.

Palavras-chave: Etnomatemática. Camaxilo. Mucuta. Epistemologias chokwe.

Abstract

In this chronicle, Mucuta shares his personal and academic journey, highlighting the importance of ethnomathematics in understanding the culture and knowledge of the Chokwe people of the municipality of Camaxilo (Angola). Inspired by a trip to Camaxilo that recalls the use of units of the Chokwe measurement system, he shows how ethnomathematical thinking through Professor Roberto Silva changed his academic-scientific thinking, from the production of the dissertation on Chokwe knowledge to current research on the Chokwe people (Angola) and Quilombola (Brazil). Ethnomathematics revealed the cultural, epistemological, social, artistic and technical wealth of the Chokwe people.

Keywords: Ethnomathematics. Camaxilo. Mucuta. Chokwe epistemologies.

Resumen

En esta crónica, Mucuta comparte su recorrido personal y académico, destacando la importancia de las etnomatemáticas para comprender la cultura y el conocimiento del pueblo Chokwe del Municipio de Camaxilo (Angola). Inspirado en un viaje a Camaxilo que recuerda el uso de unidades del sistema de medida Chokwe, muestra cómo el pensamiento etnomatemático a través del profesor Roberto Silva cambió su pensamiento académico-científico, desde la producción de la disertación sobre el conocimiento Chokwe hasta la investigación actual sobre el pueblo Chokwe (Angola) y Quilombola (Brasil). Las etnomatemáticas revelaron la riqueza cultural, epistemológica, social, artística y técnica del pueblo Chokwe.

Palabras clave: Etnomatemáticas. Camaxilo. Mucuta. Epistemologías Chokwe.